

Apresentação: Quando Gênero e Antropologia se Encontram

Wagner Xavier de Camargo

Organizador do dossiê

Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem desenvolvido pesquisas nos campos de Antropologia das Práticas Esportivas e Estudos de Gênero, Corporalidades e Sexualidades.

E-mail: wxcamargo@gmail.com

O presente dossiê foi concebido a partir da junção de duas situações, quais sejam, de um lado uma ideia surgida numa conversa de corredor com estudantes responsáveis pelo comitê editorial da Revista Florestan Fernandes, em fins de 2016 e, de outro, dos bons resultados colhidos nos textos de final da disciplina de “Antropologia e Estudos de Gênero”, ministrada por mim na graduação em Ciências Sociais, na mesma época. Por questões de trâmites editoriais, mudanças na gestão a revista e mesmo de aperfeiçoamentos textuais, o dossiê em pauta demorou a sair, mas o que se segue é de uma qualidade ímpar, principalmente se levarmos em conta que é uma primeira reflexão de tais estudantes, oriunda de alguns poucos meses de leituras no campo dos estudos de gênero. A proposta era visitar ou revisitar o *modus operandi* da reflexão antropológica, porém à luz dos estudos de gênero. E deu certo!

São seis textos selecionados para compor o dossiê, que trazem algumas das preocupações destas/es jovens (e futuras/os) cientistas sociais em relação ao mundo binário e heteronormativo que nos envolve. Tal grupo de estudantes-autoras/es se esforçou em produzir uma reflexão original como trabalho final e não apenas redigir um texto qualquer para cumprir protocolo. Nesse sentido, e para nossa surpresa e deleite, não apenas lidaram com a bibliografia lida e debatida durante o semestre, algo elementar em se tratando de um curso de graduação, porém trouxeram outras leituras, oriundas de suas curiosidades e pesquisas em relação à temática de gênero e sexualidade. Não houve, entretanto, um propósito de esgarçar os limites de linhas teóricas ou mesmo de escolas de pensamento. Algumas referências bibliográficas complementaram discussões; outras contrapuseram ideias; outras ainda questionaram os limites do conhecido. As/Os estudantes sentiram-se livres para exercer seus espíritos criativos e eu, como docente e orientador de ocasião, apenas conduzi para que o resultado fosse um texto no formato artigo ou ensaio, com vistas à publicação.

Pois eis que aqui se encontram textos inéditos, de elaborações e criações próprias destas/es jovens autoras/es, que trouxeram suas

experiências de vida e de olhar sobre corpos e coisas para um exercício de escrita, que não se materializou como mecanismo de registro, mas sim lançou sementes que podem originar bons e profícuos trabalhos futuros.

Deste seleto grupo, várias/os estudantes tiveram em si despertadas/os o desejo de seguir adiante ingressando em programas de pós-graduação *strictu sensu*, outras/os seguem pela vida não acadêmica. O importante é que a empreitada realizada, de tomar conhecimento de uma literatura específica dos Estudos de Gênero e sistematizar reflexões acerca da mesma, contribuirá para suas formações na vida, independentemente de seus trabalhos estarem baseados no meio universitário. Tenho certeza que estas/estes autoras/es têm mais claro as armadilhas de gênero que nos aprisiona, são mais críticos quanto à matriz heteronormativa que nos governa e se colocam mais a favor da diversidade do que da uniformidade (de posturas, ideias, corpos, gêneros) do que se não tivessem sido expostas/os a tal debate teórico.

Portanto, passo à apresentação resumida dos artigos do compêndio. Gislene Rodrigues, a partir de sua etnografia na favela de Heliópolis, em São Paulo, desenvolvida em uma bem-sucedida pesquisa de iniciação científica entre 2016 e 2017, nos mostra como funciona o que nomeia de “jogo do gênero”, isto é, como corpos que pareciam ser “dóceis” em dado ambiente social, na verdade tornaram-se potências políticas, a partir de novas formas de subjetivação. A autora pretende pensar como a antropologia pode corroborar para o argumento de que a ação humana opera através de um modelo que permite “borrar fronteiras”, podendo, ao mesmo tempo, fazê-las e desfazê-las.

O segundo artigo, de autoria de Luisa Tui Sampaio, objetiva focar noutro assunto tabu na sociedade contemporânea: a violência obstétrica. Tomando tal violência de gênero como parte da prática médica e de saberes instituídos, e usando o feminismo e a crítica ao saber médico, a autora vai problematizar o que ocorre no cotidiano de mulheres que, muitas vezes, não chegam a ter consciência do que ocorre com seus corpos, quando passam pelo parto ou são examinados.

Em seguida encontramos o criativo e ousado ensaio de Gabriel Debone, que toma um desenho animado contemporâneo denominado *Steven Universo* para fazer uma leitura de gênero e sexualidade dos episódios, explorando questões relativas aos gêneros no universo infantil a partir das personagens e dos diálogos. O mais interessante é que o artigo de Debone dialoga com pesquisas recém-publicadas (teses e artigos), que apenas recentemente têm trazido a discussão de gênero para dentro do universo das animações infantis televisivas.

Como quarto texto do dossiê temos uma argentina aguerrida, Valentina Simone, que mesmo desafiada pela língua portuguesa, apresenta uma bela reflexão sobre a marcha “Ni una Menos”, ocorrida em vários momentos recentes na Argentina (e mesmo em outros lugares do mundo) contra o feminicídio e a violência machista às mulheres. O brilhantismo do texto está em se propor a repensar o impacto social da marcha e fazer uma reflexão sobre o efeito do lema como significante, além de refletir sobre as produções teóricas feministas na luta instaurada.

Os dois últimos artigos habitam a seara da etnologia, uma área na qual a UFSCar tem excelência de pesquisa dentro da Antropologia. Ana Clara de Souza e Bruno Silva Santos ousam não apenas porque escolheram temáticas distintas das enfocadas anteriormente, mas porque dialogam com uma área de conhecimento que, praticamente, não foi desenvolvida dentro de minha disciplina, na qual participaram como estudantes. Tomando as mulheres como uma categoria analítica, Souza desenvolve a argumentação por meio de comparação e exposição de perspectivas clássicas na discussão de gênero e apresentará produções mais recentes, na área de etnologia brasileira, que propõem outro ponto de vista sobre o gênero indígena, relacionando temas como a fabricação do corpo feminino, a sexualidade e a divisão do trabalho. E Santos entretece uma reflexão sobre as relações de gênero entre os Guarani-Mbya por meio de uma crítica a textos feministas mais clássicos da Antropologia, que enfocaram a universalidade da subordinação feminina.

Tenho o prazer de assinar tal dossiê como alguém que acompanhou o processo de formação destas/es jovens autoras/es e não me farto em dizer que me enche de orgulho suas trajetórias e seus escritos aqui postulados. Gostaria de agradecer, publicamente e de igual forma, a oportunidade a mim conferida pela Revista Florestan em poder arregimentar tais artigos e dar corpo ao compêndio. Às/Aos leitoras/es, desejo uma descobridora e instigante leitura!

São Carlos, 07 de setembro de 2019.